

# Policial para adolescentes revela méritos

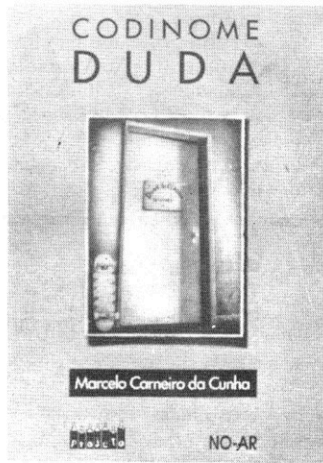
AUTOR GAÚCHO ACERTA EM NOVELINHA DESPRETENSIOSA

Paulo Bentancur

Não foram poucas as vezes em que escrevi sobre Marcelo Carneiro da Cunha. Sua estréia, com **Noites do Bom Fim**, (edição Mercado Aberto), mereceu uma atenção que eu não vinha dando a jovens autores gaúchos simplesmente porque entre estes nenhum se sobressaía. Sobressaíu-se Marcelo, que logo depois, também pela Mercado Aberto, editava uma novelinha para adolescentes, **Na Praia da Ferrugem**, e que eu novamente tive que aplaudir. Em seguida um infantil, **O Super-Rodrigo**, pela Sulina, e agora **Codinoime Duda** (Editora Projeto).

O **Super-Rodrigo** era uma guiada, uma outra linguagem, com experimentos (convidando o leitor até para colar uma foto de alguém que ele gostasse muito), levando elementos metalingüísticos para o despojado universo do super-heróiismo infantil. **Codinoime Duda**, enfim, confirma Marcelo e sua vocação, e sublinha sua principal qualidade: legibilidade e eficácia numa literatura árida, artificiosa, ou simplória.

A aventura de Duda e sua companheira Cláudia (companhia da qual o pequeno herói se defende a novelinha toda) une as receitas do gênero **noir** adaptado ao público infanto-juvenil a uma visão de psicologia e linguagem típicos dessa faixa etária. Marcelo sabe do que escreve e para quem escreve. Seu livro é uma prova de profissionalismo e desassombro. Transitando por uma área onde muitos resvalam na pieguice e cedem fácil aos apelos (clichês verbais, superficialidade acerca das teses de comportamento e frouxidão na construção da narrativa), o bem-sucedido autor de **Na Praia da Ferrugem** não deixa a peteca cair: noventa e poucas páginas de alguma ação, muitas perguntas (característica essencial de



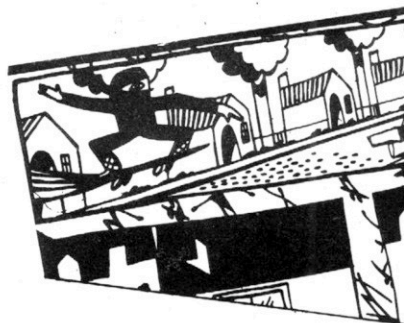
quem se pretende investigar), e o retrato sem retoques edulcoradores de um menino que está crescendo e faz disso sua verdade maior.

Se ser detetive parece um tanto exagerado para as dimensões *nada* épicas de nossas vidas, para Duda, e para todos os meninos da sua idade, as circunstâncias que o cercam, a trama em que ele se mete, e suas hesitações, desafios e ousadias são mais do que convincentes - são cativantes. Afinal, a investigação a que se propõe oferece a Duda a porta de saída para um mundo que é o único que a adolescência reconhece: sem claustrofobia e recheado de experiências.

Marcelo Carneiro da Cunha domina essa zona delicada, momento inaugural de independência, quando afinal os pais começam a distanciar-se para as efetivamente primeiras incursões do **indivíduo** no espaço exterior. Vestindo a pele do detetive, figura romanesca, Duda e Cláudia (associados por insistência dela, tipificando a disposição feminina para a união e o individualismo masculino) descobrem as várias faces de uma pessoa (por exemplo, seu Antônio, o vizinho envolvido) e mergulham imperceptivelmente na experiência mais perigosa possível, a do afeto.

O tom coloquial, presente em outros textos de Marcelo (alguns inéditos, a que tive acesso), reforça a dinâmica de uma história que parece fazer concessões para que funcione, porém que funciona justamente por não fazer concessões. Desprende-se de suas páginas o humor do menino atordoado por conclusões muitas vezes simples, com as quais ele ainda não sabe como lidar. A menina representa a ameaça, de sedução e descontrolo emocional, elemento que subverte o sereno mundo onde o macho corre mais rápido, bate mais pesado, e se afirma numa lógica de mão-de-ferro.

Duda custa a admitir os méritos da companheira, e a atração irresistível que ela exerce sobre ele. Assim, uma história que seria de investigação pura e simples, de busca mecânica e inflexível, adquire dimensões que só as figuras *nada* horizontais, *nada* esquemáticas das personagens propicia. Marcelo constrói um Duda que se faz conquistar desde o nome. Um ser desconfiado, competitivo, inseguro, isto é, exatamente como os meninos de sua idade. Sonhando com um



poder impune e esbarrando no que tanto pode ser um obstáculo como um prêmio: o amor. Com o perdão da palavrinha.

A edição da Projeto está correta sob vários aspectos. No nome da coleção onde a novelinha se inscreve (**No-Ar**), na capa sobre desenho de Eduardo Henrique Kickhofel, nas ilustrações de Eloar Filho, ilustrador que já mostrou seu fôlego e multiplicidade de traços no lançamento anterior da editora, o **Diário de um Guri**, de Carlos Urbim. Trabalho que traz para o mercado editorial do Rio Grande do Sul uma lufada de renovação aproveitando talentos já afirmados, o da Projeto sabe que Marcelo Carneiro da Cunha é um deles. Imagino que de seu computador sairão muitos livros com essa discreta ambição, talvez muitas colações.

